

# COMPORTAMENTO AUTODESTRUTIVO EM ADOLESCENTES NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

*Self-Injurious and Suicidal Behavior in Adolescents in Brazil: an integrative literature review*

Samuel Sotero Lourenço<sup>1</sup>  
Yasmeen Tareq Khalil Abu-Allan<sup>2</sup>  
Bárbara Vasti Lira Lins de Oliveira<sup>3</sup>  
Karolina Garcia Jacob de Souza Santos<sup>4</sup>  
Letícia Rosa Bezerra<sup>5</sup>  
José Marcos Ribeiro Dantas<sup>6</sup>

Artigo encaminhado: 27/11/2025  
Artigo aceito para publicação: 28/11/2025

## RESUMO

A adolescência representa um período determinante para o desenvolvimento emocional e social, mas também uma etapa de maior vulnerabilidade. Essas condições estão intimamente associadas ao aumento dos comportamentos autodestrutivos (CAD), definidos como lesões auto infligidas (LAI) sem intenção suicida. Cerca de 23% dos adolescentes já se envolveram em CAD, e 20% apresentam recorrência, o que torna esses episódios importantes preditores de risco suicida. Este estudo teve como objetivo examinar os fatores de risco relacionados ao CAD e sua relação com tentativas de suicídio. Trata-se de revisão integrativa de literatura, com busca na base de dados PubMed utilizando descritores MeSH/DeCS: “Adolescent” AND “Self-Injurious Behavior” AND “Suicide”. Foram analisados trinta e quatro trabalhos dos quais oito foram selecionados para análise. No Brasil, a crescente prevalência de automutilação entre adolescentes reflete desafios como desigualdades sociais, conflitos familiares, exclusão e *bullying*. O uso excessivo de telas também possuem um importante impacto direto e indireto no comportamento, expondo adolescentes a diversas situações de risco. A negligência, violência ou outras adversidades aumentam significativamente a vulnerabilidade, enquanto o estigma em torno do tema dificulta a busca por suporte e o acesso ao tratamento. Portanto, o enfrentamento desse problema requer uma abordagem multidimensional, envolvendo famílias, escolas, profissionais de saúde e políticas públicas, de modo a promover o bem-estar e reduzir o impacto dos comportamentos autolesivos. Entretanto, destaca-se a necessidade de capacitar profissionais

---

<sup>1</sup> Estudante de Medicina. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC), Brasília, DF. E-mail: [samuel.lourenco@medicina.uniceplac.edu.br](mailto:samuel.lourenco@medicina.uniceplac.edu.br)

<sup>2</sup> Estudante de Medicina. do UNICEPLAC, Brasília, DF. E-mail: [yasmeen.abu-allan@medicina.uniceplac.edu.br](mailto:yasmeen.abu-allan@medicina.uniceplac.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de Medicina do UNICEPLAC, Brasília, DF.. E-mail: [barbara.oliveira@medicina.uniceplac.edu.br](mailto:barbara.oliveira@medicina.uniceplac.edu.br)

<sup>4</sup> Estudante de Medicina do UNICEPLAC, Brasília, DF.. E-mail: [karolina.santos@medicina.uniceplac.edu.br](mailto:karolina.santos@medicina.uniceplac.edu.br)

<sup>5</sup> Estudante de Medicina do UNICEPLAC, Brasília, DF.I. E-mail: [leticia.rosa@medicina.uniceplac.edu.br](mailto:leticia.rosa@medicina.uniceplac.edu.br)

<sup>6</sup> Médico Psiquiatra, Mestre em Farmacologia. Docente no UNICEPLAC, Brasília, DF.. E-mail: [jose.dantas@uniceplac.edu.br](mailto:jose.dantas@uniceplac.edu.br)

para reconhecer sinais de risco e implementar intervenções terapêuticas eficazes.

**Palavras-chave:** Adolescência; Comportamento autodestrutivo; Saúde mental; Suicídio.

## **ABSTRACT**

Adolescence is a pivotal stage for emotional and social development but also a phase of heightened vulnerability. These conditions are closely linked to an increase in self-injurious behaviors (SIB), characterized as self-inflicted injuries without suicidal intent. Studies reveal that approximately 23% of adolescents have engaged in SIB, with 20% experiencing recurrent episodes, highlighting their role as significant predictors of suicide risk. This study aimed to investigate the risk factors associated with SIB and its correlation with suicide attempts. This is an integrative literature review, with a search conducted on the PubMed database using the following MeSH/DeCS descriptors: "Adolescent" AND "Self-Injurious Behavior" AND "Suicide." A total of thirty four studies were analyzed, of which eight were selected for inclusion in the analysis. In Brazil, the growing prevalence of self-harm among adolescents reflects challenges such as social inequalities, family conflicts, exclusion, and bullying. Furthermore, the excessive use of screens has a significant impact, directly and indirectly, on behavior which exposes adolescents to various critical situations. Adolescents exposed to neglect, violence, or other adversities are particularly at risk, while stigma surrounding the issue hinders help-seeking behaviors and access to treatment. Furthermore, addressing this issue requires a multidimensional approach involving families, schools, healthcare professionals, and public policies, aiming to foster well-being and mitigate the impact of self-injurious behaviors on adolescents. However, it is essential to train professionals to identify risk indicators, and implement more effective therapeutic interventions.

**Keywords:** Adolescence; Self-injurious behavior; Mental health; Suicide.

## **1 INTRODUÇÃO**

A adolescência refere-se ao estágio de transição entre a infância e a vida adulta, compreendida entre os 11 e 21 anos de idade e socialmente convencionalizada dos 12 aos 18 anos, a qual é crucial para o desenvolvimento e manutenção de hábitos sociais e emocionais importantes para o bem-estar mental (Alderman; Breuner, 2019). Este momento começa biologicamente com o início da puberdade, mas conclui na verdade com base na construção social

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 2595-2420, Florianópolis, v.18, n.56, p. 1-19, 2026

de quando um indivíduo alcança a independência e assume papéis adultos (Giedd, 2015). Dessa forma, é um período de transformações complexas e dinâmicas que influenciam na formação do caráter e no desempenho social dos indivíduos (Vale; Mattos, 2011).

Durante a adolescência, há uma busca de autonomia, a elaboração psíquica na construção de uma identidade própria e uma interação intensa com os seus pares. Contudo, a intensidade de modificações simultâneas e a menor capacidade no enfrentamento de conflitos e em lidar com as emoções, por uma imaturidade cerebral, podem levar a comportamentos de risco (Almeida, 2018). Esse contexto envolve a dificuldade em lidar com as frustrações, despertando sentimentos negativos e um comportamento impulsivo, podendo se manifestar como uma agressividade à terceiros ou a si mesmo (Guerreiro; Sampaio, 2013).

Uma das manifestações mais comuns dos comportamentos autodestrutivos (CAD) na adolescência são as lesões auto infligidas (LAIs) - que podem ser definidas como a destruição direta e deliberada do tecido corporal sem intenção suicida (Nock, 2010). Esse tipo de comportamento autodestrutivo é comum na adolescência, pois acaba servindo como uma estratégia disfuncional de evitar estados emocionais angustiantes e amenizar sentimentos negativos (Brown; Williams; Collins, 2007). Cerca de 23% dos adolescentes relatam que já se machucaram deliberadamente pelo menos uma vez na vida e 20% se lesionam repetidamente (De Luca *et al.*, 2023; Richardson *et al.*, 2024).

Nota-se que as taxas de CAD em adolescentes vêm aumentando exponencialmente e as LAIs tem recebido atenção crescente, justamente por representarem um preditor mais forte de consumação suicida futura do que um histórico de tentativas de suicídio (Wester; Trepal; King, 2018). A Organização Mundial de Saúde (2021) estima que mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos sendo, em diversos países, a terceira principal causa de morte entre adolescentes. Entretanto, o CAD e as LAIs ainda são mais comuns do que as mortes por suicídio e estão fortemente associados a suicidalidade, com a qual compartilham fatores de risco comuns (Ougrin, 2014).

Quanto à prevalência, as LAIs estão presentes em todas as

raças/etnias, condições socioeconômicas, níveis de escolaridade, orientações sexuais e crenças religiosas. Esse comportamento é raro em crianças menores de 12 anos, e de fato acomete mais a população adolescente com uma prevalência estimada de 4% e 46,5 %, especialmente em indivíduos de 13 e 14 anos (Almeida, 2018). Já em relação ao gênero, indica-se uma proporção maior no sexo feminino com uma proporção entre 3 para 1 e 4 para 1 (SBP, 2019).

Os fatores que influenciam na predisposição às LAIs podem envolver as esferas individuais, familiares e sociais, mas na maioria das vezes, há o comprometimento de forma conjunta e superponível (SBP, 2019). Além disso, considerando o cenário atual de forte influência digital, o uso de mídias digitais desempenha um papel importante no comportamento de adolescentes (OMS, 2024). Com isso, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) afirma que o uso excessivo das telas no desenvolvimento - a partir das experiências adquiridas, assim como a exposição a situações desfavoráveis e de risco - podem ter um impacto significativo no estilo de vida até a fase adulta.

## **2 OBJETIVOS**

O estudo objetiva demonstrar os fatores predisponentes ao comportamento autodestrutivo e os casos de autolesão - associados ao risco de suicídio - em adolescentes, sob foco do cenário brasileiro. Além disso, busca-se conscientizar os profissionais médicos acerca da importância da promoção à saúde mental frente a um cenário desafiador.

## **3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com busca na base de dados no *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)* através do PubMed utilizando descritores MeSH/DeCS: “Adolescent”, “Self-Injurious Behavior” e “Suicide”, ligados pelo Operador Booleano AND.

Foram utilizados os critérios de inclusão: estudos de meta-análise, disponíveis gratuitamente na íntegra, publicados nos anos de 2021 a 2024. Foram excluídas duplicatas e artigos que não foram redigidos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola. A seleção dos estudos ocorreu após as

buscas em todas as bases de dados, selecionando os trabalhos a partir da leitura íntegra dos artigos. A extração dos dados foi construída uma tabela com software *Google Planilhas* com os elementos: autoria do estudo; ano da publicação; principais conclusões.

#### **4 RESULTADOS**

Após a estratégia de busca, foram encontrados 34 resultados. Após a leitura objetiva dos trabalhos, foram excluídos 25 artigos que não atendiam aos critérios de inclusão e aos objetivos deste estudo. As características dos 8 (oito) estudos incluídos na análise estão na tabela 1.

**Tabela 1:** Características dos artigos selecionados para a revisão.

Autoria	Principais Conclusões
Chen <i>et al.</i> (2022)	O estudo investigou a relação entre a educação dos pais e os comportamentos suicidas em jovens. A análise de 59 estudos com mais de 2,7 milhões de indivíduos mostrou que menor escolaridade dos pais está associada a um risco maior de tentativas de suicídio (OR = 1,12), mas não à ideação suicida. Essa relação foi influenciada pela região e renda: na América do Norte, o risco de tentativas foi maior, enquanto no Leste e Sudeste Asiático foi menor. A associação entre educação parental e ideação suicida foi significativa em países de alta renda, mas não em países de baixa e média renda. O estudo sugere que fatores culturais e econômicos influenciam essa relação, apontando para a importância de abordagens preventivas adaptadas a cada contexto.
De Luca <i>et al.</i> (2023)	Primeira meta-análise sobre o desenvolvimento do comportamento de autolesão não suicida em adolescentes, a qual a frequência de aumenta em adolescentes mais jovens (12,93 anos). Sendo necessário implementar estratégias nas escolas para prevenir esse comportamento autodestrutivo.
Oliveira Gracini <i>et al.</i> (2024)	Este estudo revisou a relação entre o uso de drogas recreativas e a ideação suicida em adolescentes. A análise mostrou que adolescentes que usam drogas têm quase duas vezes mais chances de ter pensamentos suicidas, e aqueles que abusam dessas substâncias têm um risco ainda maior em quase três vezes. O uso de maconha aumenta em 1,57 vezes a chance de ideação suicida, enquanto o uso de cocaína eleva esse risco para 2,57 vezes. Conclui-se que o uso de drogas recreativas está ligado à ideação suicida, independentemente do tipo de droga ou do padrão de uso.
Harris <i>et al.</i> (2022)	Primeira meta-análise que tenta lançar luz sobre o desenvolvimento longitudinal da autolesão não suicida (NSSI) do início da adolescência até a idade adulta jovem. A frequência de NSSI parece aumentar para adolescentes mais jovens (ou seja, 12,93 anos na linha de base), representando um período crucial para o desenvolvimento desse comportamento NSSI. Os resultados sugerem a importância de promover, no nível escolar, estratégias preventivas universais, bem como ações indicadas de acordo com o nível escolar
Leigh, Chiu, Ballard (2023)	A revisão analisou a relação entre ansiedade social e suicídio em jovens de 10 a 25 anos. Concluiu-se que a ansiedade social está ligada ao risco de suicídio, pensamentos e tentativas suicidas. A associação foi mais forte em estudos analisados no presente, mas faltam estudos para confirmar isso a longo prazo. Alguns resultados mostram que essa ligação não é só por causa da depressão. Apesar das limitações nos estudos, o texto reforça a importância de mais pesquisas para entender melhor como a ansiedade social pode ser um fator de risco para o suicídio em jovens.
Moloney <i>et al.</i> (2024)	O estudo analisou a prevalência de NSSI em adolescentes e as diferenças entre sexos e regiões. Ele mostrou que o NSSI é mais comum em meninas na América do Norte e Europa, onde as taxas de suicídio também são maiores, mas na Ásia, a prevalência é semelhante entre meninos e meninas. A pesquisa destaca a necessidade de mais estudos para entender como fatores culturais e regionais influenciam essas diferenças e como isso se conecta às taxas de suicídio.
Richardson <i>et al.</i>	Obter conhecimento de fatores de proteção e risco é importante na prevenção de suicídio e automutilação em adolescentes. Os fatores que desempenham um papel na suicidalidade

Autoria	Principais Conclusões
Chen <i>et al.</i> (2022)	O estudo investigou a relação entre a educação dos pais e os comportamentos suicidas em jovens. A análise de 59 estudos com mais de 2,7 milhões de indivíduos mostrou que menor escolaridade dos pais está associada a um risco maior de tentativas de suicídio (OR = 1,12), mas não à ideação suicida. Essa relação foi influenciada pela região e renda: na América do Norte, o risco de tentativas foi maior, enquanto no Leste e Sudeste Asiático foi menor. A associação entre educação parental e ideação suicida foi significativa em países de alta renda, mas não em países de baixa e média renda. O estudo sugere que fatores culturais e econômicos influenciam essa relação, apontando para a importância de abordagens preventivas adaptadas a cada contexto.
De Luca <i>et al.</i> (2023)	Primeira meta-análise sobre o desenvolvimento do comportamento de autolesão não suicida em adolescentes, a qual a frequência de aumenta em adolescentes mais jovens (12,93 anos). Sendo necessário implementar estratégias nas escolas para prevenir esse comportamento autodestrutivo.
Oliveira Gracini <i>et al.</i> (2024)	Este estudo revisou a relação entre o uso de drogas recreativas e a ideação suicida em adolescentes. A análise mostrou que adolescentes que usam drogas têm quase duas vezes mais chances de ter pensamentos suicidas, e aqueles que abusam dessas substâncias têm um risco ainda maior em quase três vezes. O uso de maconha aumenta em 1,57 vezes a chance de ideação suicida, enquanto o uso de cocaína eleva esse risco para 2,57 vezes. Conclui-se que o uso de drogas recreativas está ligado à ideação suicida, independentemente do tipo de droga ou do padrão de uso.
Harris <i>et al.</i> (2022)	Primeira meta-análise que tenta lançar luz sobre o desenvolvimento longitudinal da autolesão não suicida (NSSI) do início da adolescência até a idade adulta jovem. A frequência de NSSI parece aumentar para adolescentes mais jovens (ou seja, 12,93 anos na linha de base), representando um período crucial para o desenvolvimento desse comportamento NSSI. Os resultados sugerem a importância de promover, no nível escolar, estratégias preventivas universais, bem como ações indicadas de acordo com o nível escolar
Leigh, Chiu, Ballard (2023)	A revisão analisou a relação entre ansiedade social e suicídio em jovens de 10 a 25 anos. Concluiu-se que a ansiedade social está ligada ao risco de suicídio, pensamentos e tentativas suicidas. A associação foi mais forte em estudos analisados no presente, mas faltam estudos para confirmar isso a longo prazo. Alguns resultados mostram que essa ligação não é só por causa da depressão. Apesar das limitações nos estudos, o texto reforça a importância de mais pesquisas para entender melhor como a ansiedade social pode ser um fator de risco para o suicídio em jovens.
Moloney <i>et al.</i> (2024)	O estudo analisou a prevalência de NSSI em adolescentes e as diferenças entre sexos e regiões. Ele mostrou que o NSSI é mais comum em meninas na América do Norte e Europa, onde as taxas de suicídio também são maiores, mas na Ásia, a prevalência é semelhante entre meninos e meninas. A pesquisa destaca a necessidade de mais estudos para entender como fatores culturais e regionais influenciam essas diferenças e como isso se conecta às taxas de suicídio.
(2024)	juvenil são o <i>bullying</i> , distúrbios do sono, absenteísmo escolar e exposição a antidepressivos. Várias populações jovens vulneráveis significativas foram identificadas com uma prevalência significativamente maior de tentativas e ideação suicida, incluindo jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer (ou questionadores) e aqueles com transtornos de saúde mental, comportamentos problemáticos, suicidalidade anterior,

Autoria	Principais Conclusões
Chen <i>et al.</i> (2022)	O estudo investigou a relação entre a educação dos pais e os comportamentos suicidas em jovens. A análise de 59 estudos com mais de 2,7 milhões de indivíduos mostrou que menor escolaridade dos pais está associada a um risco maior de tentativas de suicídio (OR = 1,12), mas não à ideação suicida. Essa relação foi influenciada pela região e renda: na América do Norte, o risco de tentativas foi maior, enquanto no Leste e Sudeste Asiático foi menor. A associação entre educação parental e ideação suicida foi significativa em países de alta renda, mas não em países de baixa e média renda. O estudo sugere que fatores culturais e econômicos influenciam essa relação, apontando para a importância de abordagens preventivas adaptadas a cada contexto.
De Luca <i>et al.</i> (2023)	Primeira meta-análise sobre o desenvolvimento do comportamento de autolesão não suicida em adolescentes, a qual a frequência de aumenta em adolescentes mais jovens (12,93 anos). Sendo necessário implementar estratégias nas escolas para prevenir esse comportamento autodestrutivo.
Oliveira Gracini <i>et al.</i> (2024)	Este estudo revisou a relação entre o uso de drogas recreativas e a ideação suicida em adolescentes. A análise mostrou que adolescentes que usam drogas têm quase duas vezes mais chances de ter pensamentos suicidas, e aqueles que abusam dessas substâncias têm um risco ainda maior em quase três vezes. O uso de maconha aumenta em 1,57 vezes a chance de ideação suicida, enquanto o uso de cocaína eleva esse risco para 2,57 vezes. Conclui-se que o uso de drogas recreativas está ligado à ideação suicida, independentemente do tipo de droga ou do padrão de uso.
Harris <i>et al.</i> (2022)	Primeira meta-análise que tenta lançar luz sobre o desenvolvimento longitudinal da autolesão não suicida (NSSI) do início da adolescência até a idade adulta jovem. A frequência de NSSI parece aumentar para adolescentes mais jovens (ou seja, 12,93 anos na linha de base), representando um período crucial para o desenvolvimento desse comportamento NSSI. Os resultados sugerem a importância de promover, no nível escolar, estratégias preventivas universais, bem como ações indicadas de acordo com o nível escolar
Leigh, Chiu, Ballard (2023)	A revisão analisou a relação entre ansiedade social e suicídio em jovens de 10 a 25 anos. Concluiu-se que a ansiedade social está ligada ao risco de suicídio, pensamentos e tentativas suicidas. A associação foi mais forte em estudos analisados no presente, mas faltam estudos para confirmar isso a longo prazo. Alguns resultados mostram que essa ligação não é só por causa da depressão. Apesar das limitações nos estudos, o texto reforça a importância de mais pesquisas para entender melhor como a ansiedade social pode ser um fator de risco para o suicídio em jovens.
Moloney <i>et al.</i> (2024)	O estudo analisou a prevalência de NSSI em adolescentes e as diferenças entre sexos e regiões. Ele mostrou que o NSSI é mais comum em meninas na América do Norte e Europa, onde as taxas de suicídio também são maiores, mas na Ásia, a prevalência é semelhante entre meninos e meninas. A pesquisa destaca a necessidade de mais estudos para entender como fatores culturais e regionais influenciam essas diferenças e como isso se conecta às taxas de suicídio.  automutilação e gênero (feminino).
Wu <i>et al.</i> (2024)	O estudo investigou a prevalência de comportamentos de automutilação (IS) em adolescentes com depressão. Analisando 29 estudos com 12.934 adolescentes, foi descoberto que mais da metade (52%) já havia se automutilado ao longo da vida, e 57% no

Autoria	Principais Conclusões
Chen <i>et al.</i> (2022)	O estudo investigou a relação entre a educação dos pais e os comportamentos suicidas em jovens. A análise de 59 estudos com mais de 2,7 milhões de indivíduos mostrou que menor escolaridade dos pais está associada a um risco maior de tentativas de suicídio (OR = 1,12), mas não à ideação suicida. Essa relação foi influenciada pela região e renda: na América do Norte, o risco de tentativas foi maior, enquanto no Leste e Sudeste Asiático foi menor. A associação entre educação parental e ideação suicida foi significativa em países de alta renda, mas não em países de baixa e média renda. O estudo sugere que fatores culturais e econômicos influenciam essa relação, apontando para a importância de abordagens preventivas adaptadas a cada contexto.
De Luca <i>et al.</i> (2023)	Primeira meta-análise sobre o desenvolvimento do comportamento de autolesão não suicida em adolescentes, a qual a frequência de aumenta em adolescentes mais jovens (12,93 anos). Sendo necessário implementar estratégias nas escolas para prevenir esse comportamento autodestrutivo.
Oliveira Gracini <i>et al.</i> (2024)	Este estudo revisou a relação entre o uso de drogas recreativas e a ideação suicida em adolescentes. A análise mostrou que adolescentes que usam drogas têm quase duas vezes mais chances de ter pensamentos suicidas, e aqueles que abusam dessas substâncias têm um risco ainda maior em quase três vezes. O uso de maconha aumenta em 1,57 vezes a chance de ideação suicida, enquanto o uso de cocaína eleva esse risco para 2,57 vezes. Conclui-se que o uso de drogas recreativas está ligado à ideação suicida, independentemente do tipo de droga ou do padrão de uso.
Harris <i>et al.</i> (2022)	Primeira meta-análise que tenta lançar luz sobre o desenvolvimento longitudinal da autolesão não suicida (NSSI) do início da adolescência até a idade adulta jovem. A frequência de NSSI parece aumentar para adolescentes mais jovens (ou seja, 12,93 anos na linha de base), representando um período crucial para o desenvolvimento desse comportamento NSSI. Os resultados sugerem a importância de promover, no nível escolar, estratégias preventivas universais, bem como ações indicadas de acordo com o nível escolar
Leigh, Chiu, Ballard (2023)	A revisão analisou a relação entre ansiedade social e suicídio em jovens de 10 a 25 anos. Concluiu-se que a ansiedade social está ligada ao risco de suicídio, pensamentos e tentativas suicidas. A associação foi mais forte em estudos analisados no presente, mas faltam estudos para confirmar isso a longo prazo. Alguns resultados mostram que essa ligação não é só por causa da depressão. Apesar das limitações nos estudos, o texto reforça a importância de mais pesquisas para entender melhor como a ansiedade social pode ser um fator de risco para o suicídio em jovens.
Moloney <i>et al.</i> (2024)	O estudo analisou a prevalência de NSSI em adolescentes e as diferenças entre sexos e regiões. Ele mostrou que o NSSI é mais comum em meninas na América do Norte e Europa, onde as taxas de suicídio também são maiores, mas na Ásia, a prevalência é semelhante entre meninos e meninas. A pesquisa destaca a necessidade de mais estudos para entender como fatores culturais e regionais influenciam essas diferenças e como isso se conecta às taxas de suicídio.
	último ano. A pesquisa também encontrou uma relação entre a prevalência de SI e o ano de publicação dos estudos. Esses resultados destacam o alto risco de suicídio entre adolescentes com depressão, reforçando a importância de identificar e intervir precocemente nesses casos

## 5 DISCUSSÃO

No cérebro do adolescente há um descompasso entre a maturação do córtex pré-frontal - que é responsável pelas funções cognitivas e executivas como o controle dos impulsos, julgamento, resolução de problemas, atenção, tomada de decisões - e do sistema límbico, o qual é estimulado pela emoções, gerando os comportamentos típicos de curiosidade e impulsividade (Konrad; Firk; Uhlhaas, 2013; Giedd, 2015).

A principal característica do cérebro adolescente é sua alta capacidade de se modificar em resposta ao ambiente, alterando a comunicação entre as regiões cerebrais. Essa mutabilidade especial permite que os adolescentes tenham enormes avanços no pensamento e na socialização, porém o cenário também os torna muito vulneráveis a comportamentos perigosos e transtornos mentais sérios (Crone; Dahl, 2012; Giedd, 2015).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2024), cerca de metade dos transtornos emocionais surgem aos 14 anos de idade, contudo, a maioria acaba sendo subdiagnosticada em razão das alterações comportamentais esperadas nessa faixa etária. Ainda, é estimado que 14% dos adolescentes experienciam algum tipo de doença mental. Em verdade, a ansiedade e depressão representam a oitava e a nona posições gerais das doenças mais prevalentes na adolescência, sendo que as taxas de adolescentes com ansiedade é de 157 a cada 100 mil no Brasil, ultrapassando as taxas totais de pacientes adultos maiores de 20 anos (Mariani *et al.*, 2024; OMS, 2024).

Múltiplos fatores afetam a saúde mental. Adolescentes, de uma forma geral, são mais vulneráveis a eventos estressantes como exclusão social, discriminação, estigmas, *bullying* e entre outros. Esses fatores podem levar à dificuldades em gerenciar e lidar com as suas emoções, colocando-os em risco de envolvimento em comportamentos arriscados (Agarwal *et al.*, 2017; Cox; Hetrick, 2017). Além disso, dificuldades no eixo familiar como as desvantagens socioeconômicas, atreladas à demais fatores individuais e sociais, também podem ser prejudiciais à saúde mental dos adolescentes (Agarwal *et al.*, 2017;

Reiss *et al.*, 2019).

Sob essa perspectiva, o CAD e as LAIs têm se tornado uma preocupação crescente globalmente entre os jovens (Richardson *et al.*, 2024). Cerca 14% de crianças entre 10 a 19 anos possuem condições adversas de saúde mental e o suicídio é a terceira principal causa de morte entre adolescentes mais velhos (OMS, 2024). Embora o suicídio e a automutilação apresentem resultados distintos, ambos compartilham de fatores de riscos semelhantes (Richardson *et al.*, 2024).

Em um cenário mundial, Moloney *et al.* (2024) mostrou que as LAIs são mais prevalentes no sexo feminino nos continentes da América do Norte e Europa, os quais as taxas de suicídio também são maiores, enquanto na Ásia, a prevalência é semelhante entre os sexos. No Brasil, as LAIs são mais prevalentes em adolescentes com idade entre 13 e 14 anos do sexo feminino. A compreensão sobre o perfil dos pacientes com maiores propensões às autolesões é importante para a avaliação e acolhimento durante o atendimento médico, além de identificar os principais alvos para promoção em saúde mental (SBP, 2019).

Dados desenvolvidos pela Fiocruz Bahia e pesquisadores de Harvard, demonstraram que entre os anos de 2011 a 2022 as taxas de LAIs no Brasil variam em torno de 720.480 notificações. No entanto, apesar do número representar a população total, os maiores aumentos anuais foram encontrados na população jovem. Alguns riscos multifatoriais podem estar associados a esse aumento entre os jovens brasileiro, entre elas a alta prevalência de desigualdade social, pobreza e o aumento da prevalência de transtornos mentais entre os brasileiros (Sebastião, 2024).

Nesse sentido, a ocorrência de CAD durante a adolescência é significativamente mais alta, com valores ainda mais exuberantes em jovens com transtornos mentais (Wu *et al.*, 2024). A adolescência é uma fase crítica para o desenvolvimento de hábitos psicossociais entre os jovens, marcada por divergentes mudanças fisiológicas, emocionais e sociais que afetam diretamente a tendência aos CAD entre os adolescentes (Giedd, 2015). Transtornos mentais, com destaque a depressão, podem levar a comportamentos de alto risco, como comportamentos suicidas e LAIs (Wu *et*

*al.*, 2024).

Segundo Sebastião (2024), um estudo realizado em 2024, 52 a 57% dos adolescentes com depressão apresentam um histórico de CAD. Além disso, 1,4% dos adolescentes de 10 a 14 anos e 3,5% dos jovens de 15 a 19 anos possuem depressão, o que reflete o aumento das LAIs entre os jovens. Adicionalmente à depressão, a razão para a crescente prevalência pode ser explicada por diferentes distúrbios comportamentais e aspectos familiares e socioeconômicos (OMS, 2024).

Ainda, o cenário familiar é impactante na saúde mental e no comportamento do adolescente. As dificuldades materiais, maior estresse parental, problemas de saúde mental parental e práticas parentais mais severas contribuem negativamente na saúde mental da prole. O nível de escolaridade parental pode servir como indicador de CAD, por desempenhar um papel tão importante quanto os demais fatores socioeconômicos. Evidências iniciais incitam uma associação entre menor educação parental e maior risco de tentativa de suicídio juvenil, sugerindo que essa associação pode diferir em diferentes contextos geográficos e, especialmente, econômicos (Chen *et al.*, 2022).

Adolescentes em âmbito familiar marcado por conflitos, negligência, abusos tornam-se vulneráveis a apresentar comportamentos auto danosos, além de dificultar a busca por ajuda. Em conjunto, adolescentes em situações de fragilidade socioeconômica tendem a apresentar maior predisposição a CAD pela amplificação do sentimento de desamparo, maior estigma para falar sobre seus sentimentos, além da desigualdade social em que se encontram (Richardson *et al.*, 2024).

Além disso, comportamentos de risco como uso de substâncias ilícitas são preocupações adicionais ao aumento de CAD. Um estudo realizado em São Paulo demonstrou que jovens que realizavam o uso de drogas eram mais suscetíveis a experimentar ideação suicida e LAI (Oliveira Gracini *et al.*, 2024). Em conjunto, violência, *bullying* e falta de suporte emocional agravam ainda mais o risco de comportamentos autolesivos, influenciando na percepção negativa dos jovens sobre si mesmos. Ademais, é comprovado que a ansiedade social gerada por esses fatores estressantes está fortemente ligada

ao risco de suicídio, pensamentos e tentativas suicidas (Leigh; Chiu; Ballard, 2023).

Hoje, no Brasil, o acesso às redes sociais é um fator importante para o desenvolvimento de comportamentos de risco. De acordo com os dados da pesquisa TIC Kiks Online - Brasil realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil em 2018, 86% das crianças e adolescentes brasileiros entre 9 e 17 anos estão conectados - o que corresponde a 24,3 milhões de usuários da internet. (CETIC, 2019). Dessa forma, a amplitude dos riscos envolvidos, especialmente para o desenvolvimento de transtornos de saúde mental e problemas comportamentais, é ainda mais impactante no cuidado à saúde do adolescente no Brasil (Abreu, 2017).

Cerca de 16% dos adolescentes relataram contato com conteúdos sobre formas de machucar a si mesmo e 14% com fontes que informam como cometer suicídio. Além da exposição direta às LAI e ao CAD, o uso de telas também impactam em demais fatores associados a esses distúrbios de comportamento: 11% relatam experiências com o uso de drogas e 26% foram tratados de forma ofensiva (discriminação ou *cyberbullying*). Ainda, 24% dos adolescentes afirmam ficar boa parte do seu dia na Internet e 25% não conseguem controlar o tempo de uso (SBP, 2019).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), a partir de análises comportamentais, afirma os prejuízos à saúde a partir do uso excessivo e prolongado das tecnologias durante a adolescência e os seus efeitos a longo prazo. Os principais problemas envolvem - além do próprio CAD e indução e risco de suicídio - a dependência digital e uso problemático das mídias sociais; problemas de saúde mental (ansiedade e depressão); *bullying* e *cyberbullying*; aumento da violência; uso de nicotina, álcool, maconha, *vaping*, entre outras drogas; além de transtornos do sono e de alimentação; problemas visuais, músculo-esqueléticos; sedentarismo, entre outros (SBP, 2019).

No contexto mundial, há um desafio significativo na identificação precoce de jovens vulneráveis e na quantificação exata dos dados de automutilação, seja por estigmas ou questões legais que impedem a divulgação de dados numéricos entre os jovens. Em contrapartida, o Brasil possui benefícios por dispor diferentes bases de dados que permitem a análise,

mesmo que não exata, do agravamento da LAI praticada pelos adolescentes (Sebastião, 2024). Outro desafio é a estigmatização associada à autolesão, permitindo que muitos jovens ocultem suas práticas dificultando ainda mais a identificação e o suporte adequado. A falta de compreensão sobre o comportamento autolesivo e o medo de julgamento agrava o quadro emocional dos jovens, potencializando o risco para a ideação suicida entre eles (Harris *et al.*, 2022).

Abordar a automutilação entre os adolescentes brasileiros requer uma abordagem multidisciplinar. A Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio no Brasil com o intuito de promover a promoção de saúde mental e criar um sistema nacional de prevenção envolvendo estados e municípios (Brasil, 2019). No entanto, além da implementação da lei, é essencial investir em ações complementares como o acesso à ampliação a terapias comportamentais e rede de apoio entre os jovens. Identificar que o alívio da dor emocional é um dos principais objetivos da autolesão permite o investimento em técnicas direcionadas para o desenvolvimento das habilidades de regulação emocional. Em conjunto, deve-se reforçar a necessidade de medidas de prevenção em ambientes educacionais e familiares, quebrando o estigma em falar de comportamentos autolesivos em jovens (Chen *et al.*, 2022; OMS, 2024).

Por fim, a criação de campanhas que incentivem os jovens a buscar ajuda é fundamental para reconhecer e intervir precocemente casos de automutilação, avaliando os principais fatores predisponentes ao CAD ilustrados na figura 1. A autolesão é um problema complexo que exige não só a atenção de profissionais de saúde, mas também o envolvimento ativo de toda a sociedade. O aumento da prevalência entre adolescentes destaca a importância de compreender suas raízes culturais e sociais, além de implementar medidas que promovam uma trajetória emocional mais saudável entre os jovens brasileiros (Chen *et al.*, 2022; De Luca *et al.*, 2023).

**Figura 1:** Fatores predisponentes ao comportamento autodestrutivo, associado às lesões autoinfligidas e ao suicídio, em adolescentes no Brasil.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a saúde mental dos adolescentes, especialmente no Brasil, enfrenta desafios profundos e multifatoriais, exigindo atenção urgente de toda a sociedade. Os CAD emergem como manifestações complexas de sofrimento psicológico, com fatores associados a transtornos mentais, conflitos familiares, desigualdade socioeconômica, violência e estigmas. A adolescência, sendo uma fase de intensas transformações emocionais e sociais, torna esses jovens particularmente vulneráveis, sobretudo quando enfrentam barreiras como negligência, falta de suporte emocional e dificuldade de acesso a recursos adequados.

O estudo destacou que, embora a LAI e o suicídio apresentem diferenças importantes, porém ambos compartilham fatores de risco semelhantes e demandam intervenções precoces e assertivas. A automutilação frequentemente ocorre como uma tentativa de alívio da dor emocional,

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 2595-2420, Florianópolis, v.18, n.56, p. 1-19, 2026

apontando para a necessidade de estratégias que ajudem os jovens a desenvolver formas saudáveis de lidar com suas emoções, como a promoção de terapias comportamentais voltadas ao desenvolvimento de habilidades de regulação emocional.

É imprescindível promover campanhas que incentivem os adolescentes a buscar ajuda, quebrando o estigma que ainda envolve a discussão sobre CAD. É necessário fomentar ações complementares, como a integração de redes de apoio em escolas, comunidades, serviços de saúde e ambientes familiares. A conscientização e capacitação de profissionais de saúde, educadores e famílias são fundamentais para identificar sinais de vulnerabilidade e oferecer intervenções assertivas, sendo a educação parental fulcral para saúde mental do adolescente.

O uso de telas está fortemente associado a riscos à saúde, de forma geral, e para transtornos de saúde mental e problemas comportamentais. O ambiente virtual expõe adolescentes, não apenas à conteúdos envolvendo diretamente as LAI e ao suicídio, mas também à demais fatores predisponentes para o CAD como uso de drogas, *cyberbullying*, ansiedade e depressão. Por isso, são necessárias campanhas de alfabetização midiática e mediação parental para ensinar às famílias, escolas, empresas de comunicação e tecnologia, assim como profissionais de saúde, a respeito do uso ético, seguro, saudável e educativo da internet.

Paralelamente, é essencial enfrentar fatores socioeconômicos e estruturais, como pobreza e desigualdade social, que intensificam o sentimento de desamparo entre os jovens. Ações que promovam inclusão social, acesso a oportunidades e suporte psicossocial podem contribuir significativamente para a redução da prevalência de comportamentos autodestrutivos. A compreensão das raízes culturais e sociais desse fenômeno é um elemento indispensável para planejar intervenções eficazes e direcionadas.

Portanto, o enfrentamento das LAI e do CAD exige uma abordagem multidisciplinar e integrada, que reconheça a complexidade do problema e mobilize esforços em diferentes esferas: políticas públicas, sistemas de saúde, educação e sociedade civil. Apenas por meio de uma ação conjunta será possível transformar o cenário atual, promovendo um desenvolvimento

emocional mais saudável e contribuindo para a redução dos índices alarmantes de sofrimento psíquico entre os jovens brasileiros.

## 7 REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano N. Understanding the cognitive impact of internet addiction on adolescents. In: Young K, Abreu CN. Internet addiction in children and adolescents. *New York: Springer Pub*; p. 101-122. 2017.

AGGARWAL, Shilpa *et al.* Youth self-harm in low- and middle-income countries: Systematic review of the risk and protective factors. *Int J Soc Psychiatry*, v. 63, n. 4, p. 359-375, Jun. 2017.

ALDERMAN, Elizabeth M.; BREUNER, Cora; COMMITTEE ON ADOLESCENCE. Unique Needs of the Adolescent. *Pediatrics*, v. 144, n. 6, e20193150, Dez. 2019.

ALMEIDA, Rodrigo. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional. *Ciências Hum Soc Alagoas*, v. 4, n. 3, p. 147-1601, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de Abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Brasília, DF: Presidência da República, 2019.

BROWN, Seth A. WILLIAMS, Kelly; COLLINS, Amanda. Past and recent deliberate self-harm: emotion and coping strategy differences. *J Clin Psychol*, v. 63, n. 9, p. 791-803, Sep. 2007.

CHEN, Pei J. *et al.* Parental education and youth suicidal behaviours: a systematic review and meta-analysis. *Epidemiol Psychiatr Sci*, v. 31, e19, Mar. 2022.

CRONE, Evelin A.; DAHL, Ronald E. Understanding adolescence as a period of social-affective engagement and goal flexibility. *Nat Rev Neurosci*, v. 13, n. 9, p.636-50, Sep. 2012.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET DO BRASIL, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Pesquisa Tic Kids online Brasil 2018 [Internet]. [São Paulo]. Disponível em: <https://cetic.br/tics/kidsonline/2018/criancas/>. Acesso em: 08 dez. 2024.

COX, Georgina; HETRICK, Sarah. Psychosocial interventions for self-harm, suicidal ideation and suicide attempt in children and young people: What? How? Who? and Where? *BMJ. Ment Health*, v. 20, n. 2, p. 35–40, 2017.

DE LUCA, Lisa et al. The development of Non-Suicidal Self-Injury (NSSI) during adolescence: A systematic review and Bayesian meta-analysis. *J Affect Disord*, n. 339, p. 648-59, Oct. 2023.

GIEDD, Jay N. The amazing teen brain. *Sci Am*, v. 312, n. 6, p. 32-7, Jun. 2015.

GUERREIRO, Diogo F. ; SAMPAIO, Daniel. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Rev port Saúde Pública*, v. 31, n. 2, p. 213-22, 2013.

HARRIS, Lauren M. et al. Efficacy of interventions for suicide and self-injury in children and adolescents: a meta-analysis. *Sci Rep*, v. 12, n. 1, p. 12313, Jul. 2022.

KONRAD, Kerstin; FIRK, Christine; UHLHAAS, Peter J. Brain Development During Adolescence. *Dtsch Arztebl Int*, v. 110, n. 25, p. 425–431, Jun. 2013.

LEIGH, Eleanor; CHIU, Kenny; BALLARD, Elizabeth D. Social Anxiety and Suicidality in Youth: A Systematic Review and Meta-analysis. *Res Child Adolesc Psychopathol*, v. 51, n. 4, p. 441-454, Apr. 2023.

MARIANI, Daniel et al. Registros de ansiedade entre crianças e jovens superam os de adultos pela 1ª vez no Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 mai. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/05/registros-de-ansiedade-entre-criancas-e-jovens-superam-os-de-adultos-pela-1a-vez.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2024.

MOLONEY, Fiona et al. Sex Differences in the Global Prevalence of Nonsuicidal Self-Injury in Adolescents: A Meta-Analysis. *JAMA Netw Open*, v. 7, n. 6, e2415436, Jun. 2024.

NOCK, Matthew K. Self-injury. *Annu Rev Clin Psychol*, v. 6, p. 339-63, 2010.

OLIVEIRA GRACINI, Cássia L. et al. Suicide ideation and psychotropic recreational drug use by adolescents: a systematic review and meta-analysis. *Sao Paulo Med J*, v. 142, n. 4, e2022641, Apr. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Mental health of adolescents. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 09 set. 2024.

OUGRIN, Dennis. Commentary: self-harm: a global health priority - reflections on Brunner et al. (2014). *J Child Psychol Psychiatry*, v. 55, n. 4, p. 349-51, Apr. 2014

REISS, Franziska *et al.* Socioeconomic status, stressful life situations and mental health problems in children and adolescents: Results of the German BELLA cohort-study. *PLoS One*, v. 14, n. 3, e0213700, Mar. 2019.

RICHARDSON, Rebecca *et al.* Risk and Protective Factors of Self-harm and Suicidality in Adolescents: An Umbrella Review with Meta-Analysis. *J Youth Adolesc*, v. 53, n. 6, p. 1301-1322, Jun. 2024.

SEBASTIÃO, Mariana. Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil. Portal Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-a-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Menos telas, mais saúde: manual de orientações para crianças e adolescentes. 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. 2016. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf). Acesso em: 11 dez. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Autolesão na adolescência: como avaliar e tratar. 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/00000C\\_-\\_Guia\\_Pratico\\_-\\_Autolesao\\_na\\_adolescencia\\_-\\_como\\_avaliar\\_e\\_tratar.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/00000C_-_Guia_Pratico_-_Autolesao_na_adolescencia_-_como_avaliar_e_tratar.pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. Adolescência: as contradições da idade. *Rev. psicopedag*, v. 28, n. 87, p. 321-323, 2011.

WESTER, Kelly; TREPAL, Heather; KING, Kelly. Nonsuicidal Self-Injury: Increased Prevalence in Engagement. *Suicide Life Threat Behav*, v. 48, n. 6, p. 690-698, Dez. 2018.

WU, Yanli *et al.* A meta-analysis on the lifetime and period prevalence of self-injury among adolescents with depression. *Front Public Health*, v. 12, p.1434958, Jul. 2024.